



Lula e a Jornada do Herói Através da Narrativa Telejornalística (1979 a 2010)¹

Angelo A. Carnieletto Müller²

Pontifícia Universidade Católica-RS

Resumo

Este artigo tem base na Dissertação de Mestrado do autor e apresenta o resultado de uma análise interdisciplinar da narrativa telejornalística a partir do referencial teórico da Jornada do Herói de Joseph Campbell (2007). Durante o trabalho, procuramos correspondência entre o esquema narrativo de Campbell e a narrativa do Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, sobre a trajetória política do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva. O estudo colocou em evidência a narrativa como produto midiático, e seu resultado aponta para a força do mito sobre a construção do processo narrativo.

Palavras-chave: análise da narrativa; televisão; mitos; política; imaginário.

Introdução

A contribuição das narrativas jornalísticas para a formação do nosso imaginário tem se tornado um dos principais debates da atualidade. Muitas vezes, a partir de uma visão onde a discussão e os argumentos dependem do grau com que as narrativas atingem nossos sistemas de crenças. Ao mesmo tempo, os modelos tradicionais de jornalismo têm sofrido inúmeras críticas ao longo dos últimos anos e, especialmente quando tratam de questões políticas, podemos notar um acentuado desconforto em boa parte da sociedade.

Para ajudar a compreender a narrativa jornalística e a complexa estrutura que atua na referenciação jornalística do político, procuramos estudar seu elemento central, o mito, e o processo constitutivo de sua narrativa. Encontramos em diversos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 Comunicação Consumo e Identidade, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-RS. Bolsista do Capes. email angelo.muller@acad.pucrs.br



autores, não apenas elementos que apontaram para a recorrência em termos de formato narrativo, (Propp, 1928; Elíade, 1992 e 2006; Levi-Strauss, 1978), mas que sugerem que os mitos contemporâneos, onde incluem-se alguns líderes políticos, relacionam-se profundamente com os mitos da antiguidade em termos de representação e significado (Webber, 2004; Girardet, 1987; Durand, 2004; Campbell, 2007).

Nosso trabalho consistiu em realizar uma revisão teórica sobre o mito, tendo como objetivo compreender como ele surge, se revela e atua a partir das narrativas, para então, seguindo um dos modelos encontrados para a construção da narrativa mítica, testar a representação do ex-Presidente Lula nas matérias do Jornal Nacional (JN) a partir desta proposta. Nossa escolha do paradigma teórico narrativo recaiu sobre A Jornada do Herói, de Joseph Campbell (2007), conhecido por ter servido de base para a construção da saga de Guerra nas Estrelas, de George Lucas, e por tratar-se de um dos principais esquemas estudados na análise da narrativa.

Mitos, heróis e mídia

É possível presumir que os mitos e os heróis tenham sido as principais figuras inspiradoras, não apenas do ser humano, mas de todas as suas manifestações culturais ao longo dos anos. Seja na família, na religião ou na política, a base referencial, moral e criativa, das sociedades, tem um vínculo profundo com às histórias que são contadas. Estas histórias surgiram para explicar a existência humana, seus dramas, infortúnios, a vida e a morte, a abundância e a escassez, e cumpriram desde o princípio, a função de constituir as bases culturais de todos os povos sobre a terra.

[...] ...o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir... É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação” [...] (ELÍADE, 2006, p. 11)



O conjunto das narrativas que explicavam o surgimento, desenvolvimento e destino da humanidade tem o nome de ciclo cosmogônico (Elíade, 2006; Campbell, 2007). Ele representa a busca pela consciência (Campbell, 2007) das coisas, aparentemente inexplicáveis, que circundam o homem, e neste ciclo, o herói é aquele que, “descobriu e abriu o caminho da luz, para além dos sombrios limites da nossa morte em vida” (CAMPBELL, 2007, 256).

A tarefa do herói pode ser representada como o ato de derrotar o dragão, superar o desafio ou a ameaça vigente, por mais poderosa que lhe possa parecer. Nos estudos de Campbell (2007), há uma simbologia muito aproximada entre o papel do herói, de exterminar os monstros remanescentes da antiguidade e os tiranos da espécie humana que começam a surgir, e o aparecimento dos mitos políticos, que têm nos momentos de crise, como o combate ao dragão da inflação ou aos exploradores do trabalho do povo, o tempo ideal para surgir.

Os reis guerreiros da Antiguidade encaravam seu trabalho à feição de matadores de monstros. Na realidade, essa fórmula do herói brilhante que se lança contra o dragão foi o grande pretexto para a auto justificação de todas as cruzadas. [...] (CAMPBELL, 2007, 328).

Acredita-se que foi na Grécia, partir do século VI a.c., quando o filósofo Xenófanes passou a criticar e rejeitar as expressões mitológicas utilizadas por Homero e Hesíodo, desenvolvendo uma oposição aos mitos e ideias antropomórficas da cultura grega, iniciou-se um processo de afastamento cultural em relação ao processo de significação através da narrativa³. Este pensamento teve seu auge por volta dos séculos XVII e XVIII quando, de acordo com Lévi-Strauss (1978), “através das ideias de Bacon, Descartes, Newton”, à ciência colocou-se “contra as velhas gerações de pensamento místico”, e se desenvolveu uma noção de que o conhecimento deveria, “de uma vez por todas, dar as costas ao mundo dos sentidos” (LEVI-STRAUSS, 1978, 18).

³ Para uma abordagem mais aprofundada, ver *Mito e Realidade*, de Mircéa Elíade, 2006, Editora Perspectiva.



A partir de então, durante cerca de dois séculos, tornou-se cada vez mais comum associar o irreal ou o ilusório ao mito, até que esta visão passasse a ser contestada. A partir da metade do século XIX, cada vez mais autores passaram a considerar que, apesar das histórias míticas apresentarem referências fantasiosas, os efeitos que elas desencadeavam eram perfeitamente verificáveis e, portanto, reais⁴.

O que é importante é que principiamos a interessar-nos cada vez mais por este aspecto qualitativo e que a ciência, que tinha uma mera perspectiva quantitativa desde o século XVII até ao século XIX, começa a integrar agora também os aspectos qualitativos da realidade. Esta tendência habilitar-nos-á, indubitavelmente, a entender uma grande quantidade de coisas presentes no pensamento mitológico e que no passado nos apressávamos a pôr de parte como coisa carecida de significado e absurda. (LEVI-STRAUSS, 1978, 38)

Dada esta compreensão sobre o papel do mito e seu significado, aproximamos agora nosso estudo sobre a significação do herói político. São inúmeros os autores que se ocuparam de trabalhar, sob diferentes denominações, a mitologia política. E um dos primeiros que resgatou esta relação histórica entre o herói da antiguidade, o ser iluminado e extraordinário que salvava ou liderava o povo diante das ameaças iminentes, e sua aproximação com a significação do líder político contemporâneo foi Max Weber (2004).

[...] ...os líderes "naturais", em situações de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas, não eram pessoas que ocupavam um cargo público, nem que exerciam determinada "profissão" especializada e remunerada, no sentido atual da palavra, mas portadores de dons físicos e espirituais específicos, considerados sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo) [...] (WEBER, 2004, 323)

O alemão diferencia em seu texto o homem público comum – o especialista e que exerce uma função remunerada – daquele que tem o poder natural, que é capaz de exercer um tal magnetismo sobre a massa por ser dotado de uma grande dose de carisma que, uma vez exercido o papel de líder, e sendo este bem sucedido na

⁴ No início do séc. XX, diversos autores passaram a frequentar o Círculo de Eranos, uma encontro anual que tinha por objetivo reunir pensadores em abordagens alternativas relacionadas com a mitologia, psicanálise e sociologia. Entre eles, figuraram nomes como Claude Levi-Strauss, Gilbert Durand, Joseph Campbell e Mircea Eliade.



resolução de uma ameaça, tal qual ao herói das narrativas ancestrais, a ele podem ser atribuídas características além das naturais, como a inteligência e a competência. Ao narrar-se o sucesso de um líder através de uma perspectiva heróica, misturam-se referenciais de fantasia e realidade, e associam-se a estes referenciais, características como a “sobrenaturalidade” lembrada por Webber (2004:342) e, por que não, presente no imaginário dos seguidores mais fervorosos de líderes como Lula.

[...] (O poder do carisma) ...fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens "de dentro para fora" e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário. (WEBER, 2004, 327)

Na América Latina, esta característica é encontrada em boa parte do panteão mítico. Conforme os estudos de Brunk & Fallaw (2006), desde os movimentos de independência do século XIX, os políticos latino-americanos têm sido vinculados à simbologia mítica - e isso pode ser comprovado pela grande adesão de populares em torno das personalidades de seus líderes no caso dos Zapatistas, Porfírios, Peronistas e Sandinistas. Invariavelmente, os primeiros heróis da América Latina nasceram em um contexto de representação dos injustiçados e explorados. Entre 1810 e 1825, a maioria dos países latino americanos lutou e venceu guerras de independência contra a Espanha. No processo, surgiram algumas figuras importantes, como Hidalgo e Morelos (México), Simón Bolívar (Venezuela), José de San Martín (Argentina) e José Artigas (Uruguai).

Porém, os estudos de Brunk e Fallaw, também apontam para o fato de que a formação dos mitos brasileiros não seguiu este caminho e sofreu um processo um pouco diferente, “mais pacífico e não produziu heróis da espada, mas de gesto, caso de Dom Pedro I com o grito do Ipiranga” (2006:05). Essa diferença na gênese, de acordo com os autores, veio a se tornar uma das marcas do arcabouço mítico brasileiro. Porém, não podemos esquecer que deve ser feita exceção aos heróis surgidos nos períodos de guerra (Guerra do Paraguai, Guerra da Cisplatina) e em



alguns movimentos revolucionários como a Baianada, a Revolução Farroupilha, além da própria luta armada contra a ditadura. Ainda assim, a solução pacífica foi o “modelo para os líderes latino-americanos que apareceram depois de 1870” (BRUNK & FALLAW, 2006, 06).

Se por outro lado, também é possível dizer que há uma relação entre o surgimento de líderes míticos e nações que tradicionalmente apresentam falhas institucionais (WEBBER, 2004), ainda assim, esta afirmação não afasta o fato de que os mitos políticos de hoje guardam suficiente relação de significado com os mitos das comunidades arcaicas. A diferença crucial entre eles parece restar na forma como suas façanhas se tornaram conhecidas.

A construção de mitos políticos através da literatura e, principalmente, do jornalismo impresso, ganhou importância à medida em que as pessoas foram alfabetizadas e passaram a consumir esses produtos. Nos Estados Unidos, por exemplo, atribuiu-se grande parte da força das suas fundações míticas ao fato de que as colônias foram fundadas na era da impressão em meio a uma sociedade culturalmente leitora e produtora de conteúdo impresso (Yanarella, 1988). A potencialização da contribuição da mídia para o surgimento dos mitos se deu naturalmente através do aparecimento dos meios eletrônicos de comunicação. Inicialmente, com o rádio, utilizado na Alemanha nazista como instrumento de unificação e persuasão em torno do mito do Führer, na Itália em torno da figura de Mussolini, e que também foi uma importante ferramenta no Brasil, principalmente na construção da imagem pública de Getúlio Vargas como o “o pai dos pobres”.

Mas o grande salto na relação entre produção de mitos e comunicação seria mesmo dado pelo aparelho de televisão, que como Meyrowitz (2001), reuniu imagem, som e forneceu um sentido de unidade cultural para os telespectadores, conforme havia proposto McLuhan, que os levou para um reencontro com o status tribal a partir de características semelhantes às do meio oral” (Meyrowitz, 2001).



A jornada do Herói de Joseph Campbell

A partir deste resgate prévio sobre o significado mítico na esfera política, especialmente a latinoamericana, e sobre o impacto do surgimento de novas tecnologias midiáticas sobre a narrativa mítica, abordaremos agora os principais elementos da Jornada do Herói de Joseph Campbell (2007), que servirão como referenciais de análise para a nossa pesquisa. O esquema narrativo de Campbell é montado basicamente sobre três fases: Partida, Iniciação e Retorno.

Partida: apresenta os elementos Chamado da Aventura, Recusa ao Chamado, Arauto, Auxílio Sobrenatural e Ventre da Baleia. Sendo que no Chamado da Aventura, o personagem percebe que sobre ele há uma convocação, um chamado irrecusável. Mas como na vida real, há momentos em que o personagem se nega a responder, implicando na sua Recusa. O Chamado pode vir acompanhado da figura de um arauto, que anuncia a entrada do herói na aventura. O próximo elemento presente na partida é o Auxílio Sobrenatural, um encontro com uma figura protetora que orienta o personagem para que a jornada seja superada. Trata-se de uma figura representativa do bem e protetora do destino. O Ventre da Baleia é normalmente uma etapa de conscientização, quando o herói desaparece para o mundo exterior, se transforma e realiza a jornada que tem pela frente.

Iniciação: apresenta O Caminho das Provas, o Encontro com a Deusa, a Mulher como Tentação, a Sintonia com o Pai, a Apoteose e a Bênção Última. O Caminho das Provas costuma ser uma das principais etapas das narrativas, e se desdobra enquanto o herói se depara com seus grandes desafios, é auxiliado pelos conhecimentos que recebeu e descobre que existe nele uma força especial, que lhe acompanhará durante todo seu caminho. No Caminho das Provas, o herói deixa de lado seu orgulho, virtudes, beleza, e dedica-se exclusivamente ao seu trabalho, por mais árduo que seja. Já o Encontro com a Deusa é o momento que se dá depois que os primeiros desafios são vencidos, e costuma ser representado com um “casamento



místico” entre o “herói triunfante e a Rainha-Deusa do Mundo” (CAMPBELL, 2007,111).

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor fati), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade. (CAMPBELL, 2007, 119)

A Mulher como Tentação é o próximo elemento da Iniciação, quando o herói passa a tomar consciência sobre os desejos e impulsos mais animais presentes na mente humana. É um teste necessário para o herói compreender o seu lugar no mundo. Isto se dá através da Sintonia com o Pai, momento no qual o herói abandona definitivamente o seu ego e seu antigo eu. Para Campbell (2007), isso só é possível diante de uma crença em Deus (Pai) ou na própria jornada, de modo que o herói encontre no sentido da aventura a confiança para prosseguir. O desafio dessa etapa consiste no enfrentamento com o pai, ou seja, os ordenamentos que antes tinha como fundamentais e depois do conhecimento precisam ser questionados. O pai apresentará os segredos ao herói, que deles se apropria e se torna, ele mesmo, pai.

O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser... Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia. (CAMPBELL, 2007, 142)

A Apoteose se dá quando a iluminação se faz presente na alma do herói. É a “condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância” (CAMPBELL, 2007,145). Esse conhecimento consiste na relativização, no entendimento sobre a condição dos homens e mulheres sobre a terra. E por fim, A Bênção Última, representando a confirmação do caráter especial do herói, quando a facilidade com que supera os desafios representa o fato de ele ter sido realmente o escolhido.

Retorno: Trata-se da última etapa da jornada e apresenta a Recusa do Retorno, a Fuga Mágica, e o Auxílio Externo. Assim como na primeira etapa, o Retorno admite uma recusa, que se dá na forma de um apego ao papel desenvolvido na aventura,



significando uma recaída, algo que aproxima o herói do homem comum. A já a Fuga Mágica se dá quando o herói volta com algum tipo de prêmio para o mundo dos homens. O que ele traz do mundo da aventura pode ser um conhecimento importante, objeto de desejo que só passa para o mundo dos homens com algum tipo de apoio sobrenatural. Já o Auxílio Externo é o apoio dos homens comuns, que resgatam o herói da trajetória quando ele se apresenta em um estado de transe que o torna incapaz de discernir entre aventura e vida prática, o fazendo escolher permanecer na perfeição da aventura.

Metodologia e Análise

Nossa análise consiste em compatibilizar, a partir do esquema de Cambell, a narrativa sobre a vida política do ex-presidente Lula no Jornal Nacional (JN), levando em consideração, além dos discursos, os contextos históricos, midiáticos, e até mesmo as narrativas paralelas que auxiliaram a representação do personagem. Como objeto de estudo, selecionamos três reportagens sobre momentos cruciais na carreira do ex-presidente: o surgimento, com as greves do ABC em 1979; a posse como presidente em 2003; e a transmissão do cargo em 2011.

Nosso primeiro desafio está no fato de o JN somente publicar a primeira matéria em rede nacional⁵ sobre as greves do ABC em 1979 já nos seus momentos finais, sendo que o personagem do líder sindical vinha aparecendo na mídia, especialmente na imprensa, desde 1975⁶. Jornal do Brasil, Revista Veja, além dos jornais paulistas que cobriam a greve, já davam visibilidade a Lula, que se tornava uma figura cada vez mais proeminente no âmbito sindical. No dia 21 de maio de 1978, uma semana depois do movimento grevista eclodir na região do ABC sob a liderança de Lula, o programa Vox Populi, da TV Cultura apresenta o sindicalista pela

⁵ Na primeira greve, em 1978, a Censura do governo militar proibiu a divulgação em rádio e televisão de qualquer notícia sobre as greves. Ao que parece, jornais, e revistas, entretanto, podiam realizar a cobertura (Fonte: Revista Veja 24/05/1978. p. 91. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>> e acessada em 26/07/15)

⁶ Jornal do Brasil - matéria vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo 1976 “O Perfil do Operariado Brasileiro”.



primeira vez na TV⁷. No programa, Lula nega o desejo de seguir carreira política. Lula também ganha destaque na Revista Veja dos dias 24 de maio, em reportagem sobre a greve, e novamente na edição do dia 31. As reportagens apresentam uma abordagem positiva, especialmente a do dia 31, quando Lula é representado como o presidente de sindicato “sempre hábil e bem informado sobre o que acontece em sua categoria”, e ainda “o mais articulado dos novos líderes” sindicais⁸. Por isso, acreditamos que a primeira representação televisiva do JN, a reportagem de Carlos Nascimento sobre a greve dos trabalhadores em São Bernardo do Campo exibida em 20 de março de 1979 e com tempo total de 1’46”, já tinha em mãos uma narrativa mítica em andamento. Se em maio de 1978, quando Lula havia dito ao programa Vox Populi que não pretendia criar um partido político nem seguir esta carreira, o personagem claramente recusava o Chamado da Aventura, em março de 1979, as narrativas jornalísticas representam Lula como o símbolo da primeira manifestação social desde o início do regime militar em 1964. A matéria de Carlos Nascimento contribui para essa abordagem, evidenciando novamente a liderança de Lula sobre o movimento grevista. Portanto, é possível considerar que o conjunto da cobertura jornalística sobre as greves, dando ênfase ao personagem de Lula e referindo-se ao seu potencial político (Lula obteve 40 mil votos na eleição do sindicato e liderava a paralisação de pelo menos 150 mil trabalhadores) tenha cumprido o papel de Arauto na Jornada de Campbell. Se fora do veículo televisão, a imprensa já havia dado início à jornada de Lula expondo claramente suas etapas, a matéria do JN daquele 20 de março soube explorar um importante elemento que faltava na Partida, o Auxílio Sobrenatural. Após a passagem de Carlos Nascimento, que abria o VT, um “sobe som” de 11 segundos mostrava uma multidão de grevistas reunidos num estádio de futebol em São Bernardo do Campo, de mãos dadas e erguidas, entoando a oração “Pai Nosso”. Colada nessa imagem, uma sonora de Lula, que “falou em nome dos

⁷ Fonte: Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=epAymmKpn0o&list=PLAB7E1B44498E0E7C> acessado em 29/07/2015.

⁸ Fonte: Acervo Digital da revista VEJA disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/> > e acessado em 26/07/2015.



operários”, de acordo com a narração de Nascimento. Quatro dias depois, os sindicalistas do ABC paulista estariam sob intervenção do governo federal, e Lula seria afastado da presidência do sindicato de São Bernardo do Campo. Também este período pode ser relacionado com a trajetória de Campbell (Ventre da Baleia).

A etapa seguinte, da Iniciação tem como marco inicial a participação de Lula na criação e fundação do Partido dos Trabalhadores. Lula a partir de então entraria em choque com os setores conservadores da imprensa, seria preso, perderia sua mãe, e se tornaria o deputado federal mais votado do Brasil pelo Estado de São Paulo para participar da Assembleia Nacional Constituinte. Este é um período duro e que encontra representação na imprensa, constituindo um longo Caminho das Provas, que ainda teria a partir de 1989, a trajetória de Lula como candidato à presidência da república. Seriam mais 12 anos e três eleições, de longa provação e amadurecimento, até que finalmente acontecesse a posse em 01 de janeiro de 2003 como Presidente da República.

Naquela quarta-feira, Fátima Bernardes e Willian Bonner, os apresentadores do Jornal Nacional, deram boa noite a todo o Brasil evidenciando o momento histórico da posse do “ex-metalúrgico” Luís Inácio Lula da Silva. A chamada para a principal atração do jornal tinha ao fundo o Palácio do Planalto. O jornal seria ancorado por Fátima, no estúdio no Rio de Janeiro com a participação de Bonner em Brasília. O discurso que apresenta o novo presidente como um ex-metalúrgico, evidenciando o claro contraste entre passado e presente, já faz referência à uma trajetória extraordinária, uma conquista para poucos, digna de grandes homens e apropriada à personificação de um herói.

Esta conquista de Lula tem em seu enredo a substituição do perfil radical, adotado nos anos 80, e a reformulação da proposta de governo apresentada pelo PT, sem abandonar a ênfase do compromisso social, mas garantindo uma relativa continuidade das políticas financeiras e monetárias adotadas por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Este gesto, representado pela mídia durante a campanha, pode encontrar relação com o ato de deixar de lado o orgulho e encarar seu destino,



presente no Caminho das Provas e necessário para a grande conquista do herói. Por sua vez, a reportagem de Zileide Silva que foi ao ar naquela edição do JN apresentava o momento da posse de Lula como Presidente da República, a coroação de seus esforços e o prêmio recebido por seu esforço. Trata-se claramente de uma representação do Encontro com a Deusa, do casamento místico entre o herói triunfante e a Rainha-Deusa do Mundo descrito por Campbell (2007).

Os desdobramentos do primeiro governo Lula seriam responsáveis por fornecer alguns dos elementos que confirmariam a trajetória mítica do personagem. O escândalo do mensalão, em 2005, possibilitou à mídia explorar como pauta um esquema que envolvia a compra de apoio parlamentar através do uso da máquina administrativa para gerar recursos. A Mulher como Tentação, se confirmaria portanto, diante do conhecimento deste artifício político mas da recusa em utilizá-lo por parte de Lula. Lula, mais de uma vez, vai à televisão negar seu conhecimento sobre o esquema, pedir punição aos envolvidos, e desculpas à população. O presidente é perdoado nas urnas e é reeleito, configurando o elemento da Apoteose.

E apesar da pressão da oposição, das investigações sobre o esquema de corrupção, da cobertura realizada pela mídia, Lula elege sua sucessora, Dilma Rousseff, configurando aí a Bênção Última, quando apesar das dificuldades, os desafios são superados devido à extraordinariedade do herói, que tinha, de acordo com os principais institutos de pesquisa, índices de aprovação que variavam entre 85 e 87%⁹.

Então, no dia 01 de janeiro de 2011, a despedida de Lula foi mais uma vez o transmitida pelo JN. Apesar da escalada do programa dar destaque à posse de Dilma, ocupando 1'20'' com a nova Presidente e reservando 8'' a Lula, quando Willian

⁹ 9 Fontes: Estadão <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,recorde-de-aprovacao-a-lula-e-mundial-diz-entsensus,659612>> e G1 <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>> acessados em 27/07/2015.



Bonner chamou o Vt sobre a transmissão do cargo, o personagem que ganhou destaque na matéria de Zileide Silva foi novamente o ex-presidente¹⁰.

Todo o Vt foi construído sobre o personagem de Lula, em uma clara escolha de representar, ao invés da chegada da nova ocupante do cargo, a despedida do antigo ocupante. A narrativa, que não acontece sobre uma nova trajetória heroica, se dá sobre a última etapa da trajetória em curso, o Retorno. São 3'08'' de material, um tempo relativamente pequeno, mas onde ainda assim é possível notar a presença de elementos importantes da etapa do Retorno. É o que acontece com a Recusa, verificada através das imagens de Lula e na narração da repórter, especialmente quando enfatizaram a ligação emocional do ex-presidente com o cargo que ocupava. Esta ênfase é percebida na representação de um olhar lançado por Lula para a Faixa Presidencial - um momento pretensamente furtivo, mas que certamente levava em consideração a presença das câmeras por parte de Lula, e significava uma troca emocional, talvez uma última conversa, entre o herói e a Deusa. Da mesma forma, a recusa está na emoção que tomou conta de Lula no momento de descer a rampa do Palácio do Planalto, gesto simbólico da sua retirada para o mundo comum, que só pode ser realizado com o auxílio de sua esposa, Marisa e da nova Presidente, Dilma Rousseff. Quando Lula finalmente desce a rampa, ele o faz amparado pelas duas mulheres, o que bem pode ser relacionado com a simbologia para o Auxílio Externo, sem o qual, o personagem encontraria dificuldades em realizar sua retirada.

A matéria também destaca também o momento em que Lula vai ao encontro do público. O ex-presidente é recebido nos braços do povo, que se emociona e envolve Lula em uma manifestação de adoração extremamente forte, demonstrando a profundidade da relação entre Lula e seus eleitores. Este momento é bastante simbólico no que se refere à consolidação do Retorno.

¹⁰ Matéria disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yh55M-wO5w4>> acessada em 27/072015.



Por fim, o Vt encerra com Lula no aeroporto de Brasília, despedindo-se da equipe de seguranças ao som do “Tema da Vitória¹¹”, e embarcando no avião presidencial que o levaria a São Bernardo do Campo.

Conclusão

A representação telejornalística do Jornal Nacional sobre a trajetória de Lula, do seu surgimento nas greves do ABC paulista em 1979, até a passagem do cargo em 2010, obedece de maneira bastante completa o esquema organizado por Joseph Campbell para a Jornada do Herói. Mesmo que este intervalo de mais de 30 anos tenha apresentado períodos de profundo antagonismo entre o personagem e a Rede Globo, e mesmo durante os intervalos de relativa harmonia não tenha deixado de se fazer notar sempre uma marcada diferença ideológica entre a emissora e o Partido dos Trabalhadores, os momentos cruciais da trajetória do personagem Lula sempre apresentaram, nas representações do JN, correspondência com as narrativas míticas.

Especialmente no surgimento de Lula, ocorre a tomada do personagem do líder sindical como uma antítese ao regime militar. A mídia impressa vinha assim o fazendo, e a narrativa do JN seguiu o mesmo caminho. Naquele momento, Lula foi constantemente mostrado como um líder das massas, ligado à religião católica, um homem do povo que surgia como liderança legítima, e não imposta, como a militar.

No final dos anos 70, parecia não haver nenhum tipo de ressalva da imprensa em relação ao personagem de Lula, o que acaba se modificando em algum ponto entre o final das greves e a fundação do Partido dos Trabalhadores. De um lado, Lula começa a criticar as grandes empresas de comunicação, e do outro, a voz do personagem perde força de representação nestes meios.

Ainda assim, todos os próximos momentos analisados encontram grande correspondência com o esquema narrativo proposto por Campbell, o que nos permite

¹¹ Música conhecida por sonorizar as vitórias de Ayrton Senna, o piloto brasileiro tricampeão mundial de Fórmula 1



concluir que a narrativa mítica é recurso utilizado pelo JN para representar a trajetória de Lula, e de que isso nos fornece alguma evidência de que mito e narrativa talvez sejam mais fortes que as ideologias por trás de um meio de comunicação.

Referências

BRUNK, Samuel; FALLAW, Ben. **Heroes & Hero Cults in Latin America**. Austin, TX: University of Texas Press, 2006. Disponível em
<<http://www.questia.com/read/120754247/heroes-hero-cults-in-latin-america>>

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. **Revista Famecos**, V.1, n. 23. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução de: José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e realidade**. Tradução de: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Tradução de: Antônio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: the impact of electronic media on social behavior**. Nova Yorque: Oxford University Press, 1985.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

YANARELLA, Ernest J.; SIGELMAN, Lee. **Political Mythology and Popular Fiction**. New York: Greenwood Press, 1988. Disponível em
<<http://www.questia.com/read/14822881/political-mythology-and-popular-fiction>>.

WEBBER, Max. **Economia e sociedade, fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. 2. São Paulo: Imprensaoficial, 2004.